

ANTÓNIO CARDOSO ENCADEADOR DE TEMPOS

*Maria Leonor Barbosa Soares **

Cinquenta anos de ensino. Encadeando tempos, ligando gerações.
Conversas levantando e desmontando tabiques da memória e o texto surge.
Viagens sempre.

Identidade e diferença

Na escola primária de Tabuado, o rigor e o entusiasmo, porquê e como
lhe foram transmitidos pelo pai/professor. Das coisas e do modo de falar
delas.

O período da instrução primária coincidiu com a II Guerra Mundial que
matizou medo e credices, num microcosmos rural centrado na Igreja, na
casa do Pároco, no Cemitério, na Escola. Do professor de ensino primário e
do pároco se esperava que desenredassem os mistérios, clareassem os con-
tornos mais sombrios da vida. Seriam duas figuras de referência durante a
guerra. O professor era ainda o enfermeiro, o consolador, o "juiz de paz".
Esclarecia e aconselhava. António Cardoso sentia empatia por essa disponi-
bilidade e revia-se nos aspectos humanos, entre a fragilidade e a resistência.
O padre da freguesia, jovem e idealista, tentava envolver a comunidade
em práticas de penitência e conquistar pessoas para a vida religiosa, num
projecto de espiritualidade e ascetismo que não escondia uma luta contra
os atractivos mundanos.

Na Igreja românica, de sussurros e penumbra, deslizavam os pensamentos
entre as orações. A densidade do ar sombrio e das pedras enquadrava
anseios que se procuravam apaziguar, em litanias e procissões rodeando o
cemitério, pela madrugada, tentando adoçar o gesto divino de justiça. Em

* *Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras do Porto.*

certos momentos, a claridade fosca parecia trazer de Deus um afago, o silêncio tornado mais leve reconstruindo o fundo de cada um, suavizando ciclones, afastando doenças, compensando restrições. Em casa, a religião de bondade transmitida pela família, fazia o contraponto ao medo, exacerbado em certos momentos neste clima de guerra, por personagens assustadas ou quase enlouquecidas. Como o homem vestido de frade que um dia, junto à Igreja, apareceu vendendo santos e gravuras. Anjos e demónios, figurações terríveis do inferno que ele usava como ilustração dos seus comentários, em tom de pregação exaltada, sobre o terrível destino dos transgressores. Estes sermões, que se repetiram por alguns meses, mais assustadores que os do próprio padre, criavam a disposição para o sacrifício em remissão dos pecados, confundindo ouvintes e angustiando, de forma particular, as crianças... Dado a arroubos místicos durante a Eucaristia, era considerado por alguns um miraculado, empenhado em regenerar os costumes.

O sagrado envolvia um quotidiano de tempos longos, produzindo modalidades de percepção que incluíam o mistério, uma troca de atenções com o além, exigidas e reconhecidas.

18

Para o menino, os momentos de transição entre o medo do castigo e a aceitação de um mimo podiam ser breves, despoletados por um gesto ou uma palavra. E da inquietação entretida em sentimentos embaraçados se passava para a pura alegria, oferta da natureza.

Esse prazer do contacto com a terra, aprendeu-o António Cardoso com seu avô materno, na primeira infância, depois em períodos de férias e, terminada a instrução primária, quando continuou os estudos no colégio de S. Gonçalo, em Amarante, próximo da quinta familiar. Estreitaram-se, então, ainda mais os laços nesta convivência continuada, em conhecimentos partilhados. O avô, espírito de amplos interesses mas com lúcida noção do essencial, senhor de amizades ecléticas, conciliando monárquicos e republicanos, era intensamente apaixonado pelo seu "lugar" que percorria atendendo a cada pormenor, acompanhando os trabalhos. Ligação à terra que transmitiu ao neto, ensinando-o a conhecer as plantas, as árvores, o recorte das folhas, a textura da casca dos frutos, o brilho da maçã polida pelas mãos. A alegria de colher o fruto que se vai comer, de sentir a sua forma, a sua cor, como instrumentos de uma pedagogia paralela, panteísta. Escola dos objectos, do gosto de ver e sentir, do saber sobre a natureza.

A casa da quinta ficava junto à estrada que liga Amarante a Marco de Canavezes. Passava por aí muita gente e consumiam-se lendas como a do

"Corredor da noite". Alguns andantes excêntricos, alguns um pouco loucos. Pediam para pernoitar no palheiro, ou no alambique e o avô dava-lhes alojamento, hóspedes bizarros de longas conversas. O neto observava-os longamente, aprendendo o encantamento inesperado de certos encontros. Um deles, desenhava... desenhava... contando sobre barcos e sobre o mar. A voz grave e rouca sumindo-se no fim das frases, ondulava e desaparecia ecoando a água azul e verde. Um outro, personagem fantástico, o "Aníbal Farinheiro", dançava, dançava, arrebatado pela guitarra e viola dos dois tios e pelo bandolim ou o violino do pai... só o cansaço o sossegando.

Em corrente alterna : ensina e aprender

• Definição de um educador

~~ROBAY~~ A Escola do Magistério Primário foi frequentada muito jovem e, curso concluído com 19 anos, António Cardoso começou a trabalhar nas Escolas da Vila.

As paragens na Biblioteca-Museu Municipal¹ tornam-se frequentes, firmando a amizade com Albano Sardoeira e Victor Sardoeira no empenhamento da criação de novas salas dedicadas a António Carneiro, António Cândido e Amadeo de Souza-Cardoso, em 1953, por ocasião das Festas de Junho.

As tardes de Amarante prolongavam-se então no café da Maria José, *Gioconda* de Pascoaes, onde se entusiasmavam conversas, se jogava bilhar, se convivia com as notícias recentes, se comentavam leituras. António Cardoso trazia notícias do Porto que começara a visitar com assiduidade desde que se inscrevera na Academia Alvarez, recentemente inaugurada, em 1954. O encantamento pela arquitectura tinha eco em Rolando Torgo seu conterrâneo e, naturalmente também em Alcino Soutinho, então alunos do Curso de Arquitectura, tal como Siza Vieira que, na Galeria Alvarez, viria em breve a fazer a primeira exposição de desenho e pintura.

~~ROBAY~~ São desta data um conjunto de trabalhos em pintura de António Cardoso que correspondem à frequência da Academia Alvarez sob a orientação de Jaime Isidoro e António Sampaio, segundo uma prática enraizada

da no velho Salão Silva Porto: naturezas-mortas desenhadas a partir dos cenários propostos por Jaime Isidoro, uma curta série de "Cabeças" à maneira das "cabeças de expressão" do academismo, ou os registos da cidade sobre papel ou pequenas telas, resultado de saídas em estudo.

Lembranças de Amadeo são documentadas na utilização da plasticidade do suporte em *Cabeça*, de 1954, (Fig. 1), um óleo sobre contraplacado, de pincelada visível, empastamentos e manchas expressionistas, numa paleta dura, em verdes, laranjas e preto. O contorno preto, o recorte esquinado, a espessura da tinta, o contraste agreste permanecem em *Cabeça Vermelhão*, e o mesmo carácter expressionista aproxima outras variantes do tema realizadas sobre papel, utilizando por vezes a pastilha de aguarela directamente, explorando o gesto.

Um diferente aproveitamento do suporte e da gestualidade se encontra em *Faina em Contra-luz*, 1956, (Fig.2), o pincel leve e preciso desenhando a óleo negro sobre a tela branca, com sugestões de grafia oriental, a partir do tema da pesca do sável na Ribeira do Porto.

 Viajando na sua moto, António Cardoso dispunha do tempo depois das aulas ficando no Porto sempre que era possível e frequentando os lugares preferidos dos estudantes: o Magestic, o Rialto, a Primus, o Paladium... o Cine-Clube ou o Círculo de Cultura Teatral/TEP, ou mais tarde a Livraria Telos, local de reuniões "clandestinas" em que se discutia política e religião, tentando apaixonadamente conciliar marxismo e cristianismo...

A cidade revelava-se com os seus cafés e tertúlias, exposições, actividades culturais, algumas promovidas pela própria Academia. Por lá passavam os professores e alunos das Belas Artes, os dramaturgos, os artistas de teatro. A possibilidade de trabalhar a partir do modelo feminino que não havia na escola, atraía os alunos.

António Cardoso será o mediador entre a Galeria Alvarez e Amarante que Jaime Isidoro visitara para pintar paisagens, desde os primeiros anos da Biblioteca-Museu. Cria-se assim um vínculo que dará origem a três exposições organizadas pela Galeria Alvarez, a primeira em 1955 na galeria do claustro que apresentou obras de Amadeo, Dominguez Alvarez, Aníbal Alcino, Augusto Gomes, Carlos Botelho, Carlos Carneiro, Dórdio Gomes, Gastão Seixas, Jaime Isidoro e Sousa Felgueiras. A ligação à família de Amadeo, com origens geográficas e de amizade entre as famílias, estabelecerá a ponte que viabilizou a exposição sobre Amadeo no Porto, no espaço da Galeria Alvarez, em 1956. A exposição de Pintura Moderna em

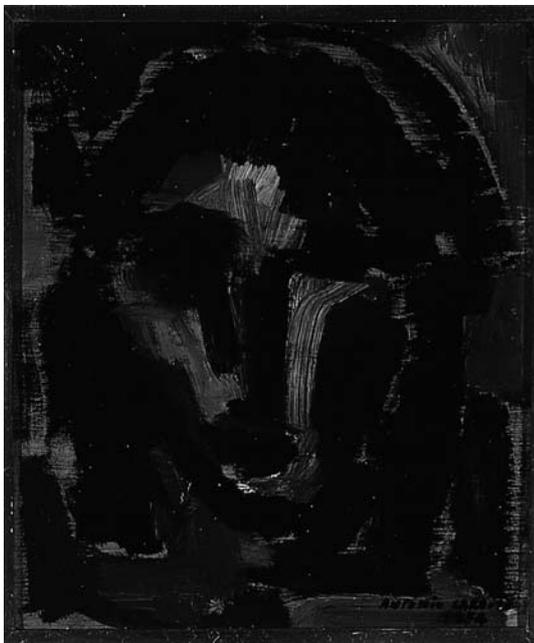
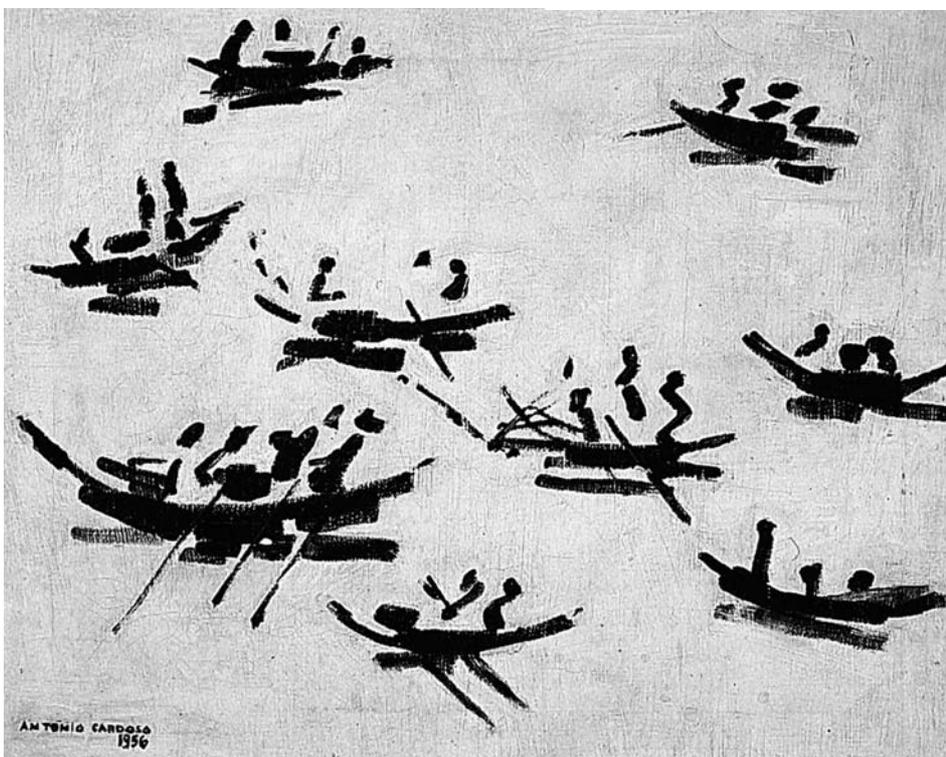


Fig. 1 - Cabeça, 1954
Óleo s/ contraplacado, 220x185 mm

Fig. 2 - Faina em contra-luz, 1956
Óleo s/ tela, 340x420 mm



colaboração com o Grupo de Amigos da Biblioteca, em 1957, adquiriu um significado histórico inegável pelo pioneirismo do Museu de Amarante ao apresentar um leque de artistas com as características de modernidade de Ângelo de Sousa, Aníbal Alcino, António Bronze, Antonio Quadros, Augusto Gomes, Domingos Lopes, Dórdio Gomes, Jaime Ferreira, Jaime Isidoro, Júlio Resende, Manuel De Francesco, Manuel Gonçalves, Maria Helena Matos, Maria João Archer, Maria Manuel, Pinho Diniz, René Bertholo, Tito Reboredo, Hein Semke, Manuel Cargaleiro para além de António Cardoso que foi também responsável pelo texto de apresentação da exposição.

A pintura de António Cardoso será a partir de 1956 indissociável das viagens que passa a realizar todos os anos durante as longas férias, invulgarmente livre aos comandos da sua BSA para decidir percursos e paragens, ritmados pelas amizades, pelo prazer, pelas referências literárias ou artísticas.

A dificuldade em arranjar passaporte privou-o da companhia de amigos, com a excepção de António Bronze com quem fez algumas viagens, mas deu-lhe em contrapartida, espaço de reflexão, disponibilidade para conhecimentos inesperados, autoconfiança e foi escola de liberdade. Situação raríssima para um jovem português com autonomia financeira (sendo professor) e de deslocação (meio de transporte próprio, a moto).

Assim, em 1956 partiu sozinho descobrindo Salamanca, Madrid, Toledo, Barcelona, Lourdes, S. Sebastian, Chartres, Orléans, Tours, Angoulême, Paris... torrente de informação, de acontecimentos culturais, de oportunidades para ver arte e de contactos com facetas da sensibilidade francesa particularmente simpáticas para um jovem professor, como a preocupação a nível institucional de tornar fácil aos jovens o acesso à cultura. Sensibilidade que levava, por exemplo, à disponibilização nos Albergues da Juventude de bilhetes para espectáculos, a preço reduzido. Foi a altura de conhecer a programação da cinemateca francesa, viver os Caveaux de Jazz, os espectáculos de Teatro - as peças de Ionesco...

Paris que reencontrou também através dos pintores e dos escritores – como o caso da zona de Malakoff pelo olhar de Dórdio Gomes – ou da zona Pigalle e rue Victor Massé pela sensibilidade de Mário de Sá Carneiro... Aí se instalou, na Maison Internationale des Jeunes, nesse e noutros anos, correspondendo ao acolhimento caloroso do responsável, um refugiado espanhol que sempre agradecerá as notícias do seu país. Zona tensa, de conflito fácil, em que se acirravam as opiniões pró e con-

tra a independência da Argélia, proporcionou-lhe a experiência do confronto este/oeste vivida na pele, o tipo físico moreno confundindo-lhe a identidade, ameaçando violência.

Ou noutra viagem, a memória de Eça de Queiróz levando-o a Arcachon, sensibilizado com os exemplos de arquitectura de vilegiatura, as villas da Ville d'Hiver, ou com o trabalho dos arquitectos paisagistas no Parc Mauresque, interessado também no trabalho de Eiffel. E terá talvez sido aqui que decidiu conhecer a obra de Le Corbusier em Marselha visitando a Unité d'Habitation, nela reconhecendo a aplicação de algumas ideias teorizadas anteriormente em *La Ville Radieuse*.

As razões de Gauguin tornaram-se claras em Pont-Aven e Le Pouldu. Reviu pormenores da sua pintura nos campos de pastagem com os seus declives e os seus pastores, nos planos sucessivos das elevações que se estendem até ao horizonte, nos motivos do rio Aven e das suas margens, nos costumes locais como as lutas domingueiras em Concarneau, na espiritualidade intensa das bretãs... na sensibilidade captada na *Vision après le Sermon*. Pode entender de que modo Gauguin foi impressionado pelo Calvário de Nizon e o interiorizou no *Christ Vert*. Ou porque o crucifixo da Chapelle de Trémalo é adorado na paisagem em *Le Christ Jaune* e se torna referência para o *Autoportrait au Christ Jaune*.

Aí compreendeu também plenamente a paixão de Amadeo pela Bretanha, o que ele encontrava de semelhante a Amarante. Sentiu intensamente o fenómeno religioso, a sacralização dos actos e das coisas no dia a dia, a percepção do invisível guiando os pensamentos e as atitudes. A pureza de uma fé não interrogativa das bretãs, a reserva respeitosa dos bretões perante essa entrega incondicional (com que de algum modo se identificou), a mensagem de compaixão e de reflexão sobre a passagem nesta vida dos calvários e dos cruzeiros...

O olhar de Monet acompanhou-o a Rouen, Van Gogh a Arles, Cézanne a Avignon, Picasso a Vallauris...

Os espectáculos de som e luz em Orléans e Avignon sobre a história da França, (contada tomando as esculturas dos pórticos como ponto de partida, cada personagem entrando em cena através da iluminação dirigida) revelaram-se, anos mais tarde experiências importantes no trabalho na televisão, resolvendo efeitos de luz sobre os objectos.

A Carta de "Aubergiste" adquirida através da influência de um jovem alemão a quem deu boleia e de um Père Aube particularmente atento, des-

preocupa-o de várias das despesas de alimentação e estadia, permitindo aumentar o número de paragens. O Albergue de Juventude, elemento de coesão e de aproximação, de intercâmbio cultural, mas também de tolerância e civismo foi um dos meios importantes de ligação com os locais e, também, de informação, permitindo numa conversa ver e pensar a mesma coisa segundo muitos olhares, de acordo com os antecedentes culturais e a origem dos *aubergistes*.

 Deste ciclo das viagens surgem desenhos e as pinturas que retêm ou filtram momentos e impressões visuais, ou vivem de novas experiências com os materiais, recorrendo também às características de grão e textura dos suportes.

Em 1957, o tema de Amarante surge nas pinturas. Mantém a utilização do contorno em paisagens naturais ou urbanas, com diluição do óleo e intersecções do traço preto. Os primeiros trabalhos têm a ver com casarios e cenários arquitectónicos, fundindo sítios diferentes em silhuetas lúdicas, a linha deformando e recompondo, apontando direcções em espaço quase bidimensional, libertando-se do motivo, ora tirando partido da juta. Tal como o casario de Chartres, a paisagem da zona da Sé do Porto *Telhados com clarabóias* e *Ponte da Pedra* são marcados pela forte impressão de Rouault e dos vitrais de Chartres.

 Em 1958, o destino prioritário foi a Exposição Universal de Bruxelas, a primeira depois do final da Guerra e que entre Abril e Outubro proporia para reflexão o tema "Balanço do Mundo para um Mundo mais Humano – Progresso Humano através do Progresso Técnico". Tendo como símbolo o átomo (com referência constante no recinto da feira na estrutura molecular que constitui o *Atomium*) e usado como indicador de uma utilização racional e pacífica da tecnologia científica, tentava-se apaziguar o medo que a ameaça nuclear representava. No confronto de valores e realizações dos blocos saídos da Guerra, era apresentada a vanguarda das respectivas conquistas tecnológicas e feita apologia das opções ideológicas. Os fortes contrastes nas áreas das artes plásticas, o impacto da diversidade de experiências europeias e americanas perante as opções do realismo socialista, surpreendiam o visitante da exposição "50 Anos de Arte Moderna" no Palais International des Beaux-Arts, onde a representação portuguesa incluía a *Casa Portuguesa* de Amadeo, o *Monumento ao Prisioneiro Político Desconhecido* de Jorge Vieira ou o *Métro Aérien* de Vieira da Silva².

O ferro e o aço e o vidro ou o betão armado permitiam ora a desmesura ora as formas dinâmicas de alguns pavilhões. E também numa e noutra solução formal se afrontavam Soviéticos e Norte-Americanos. No conjunto de outras propostas menos arrojadas, o Pavilhão de Portugal de autoria de Pedro Anselmo Braamcamp Freire Cid, também em ferro e vidro, deu preferência à simplicidade e elegância como foi então dito por N. B. Podgaetsky³. Entretanto, o visitante deixava-se fascinar pelas oblíquas aéreas do Pavilhão da Phillips de Le Corbusier ou pelos modelos dos Sputniks...

 No regresso da viagem, a pincelada vai-se tornando segmentada. Em *Paisagem do Marão*, 1958/59 (Fig. 3-I), um novo linearismo reforça os trajectos do pincel, em ecos delicados mas firmes. Uma perspectiva alta sugere a vertigem, o movimento do ar, a descida das escarpas duras e escorregadias até um interior vivo, na profundidade do vale. A paleta de tons húmidos reforça a sensação de organismo, o coração da terra.



Fig. 3-I - Paisagem do Marão, 1958/1959
Óleo s/ platex, 645x800 mm

O desenho como suporte estrutura de modo semelhante *Paisagem III*, (Fig. 3-II) rio e margens numa só entidade. O tratamento rápido da pincelada e do traço negro faz correr o olhar da margem direita até ao horizonte e, descendo o rio, acompanha-o para fora da tela. Não fossem os grafismos rápidos, além da mancha, e o olhar pararia nas encostas quentes. Descrição contida, impõe-se a precisão da linha e as direcções do pincel, os valores do desenho. Esta obra faria parte da selecção enviada à 1ª Bienal de Paris, em 1959, que deu à representação de pintura de Portugal o 1º prémio da crítica com os trabalhos de René Bertholo, Artur Bual, Lourdes de Castro, Luís Demée, Mário Eloy, António Quadros, Nuno Siqueira, Angelo de Sousa, Marta Teles e João Barata Feyo⁴.



Fig. 3-II - Paisagem III, 1959
Óleo s/ platex, 460x550 mm

Os registos em viagem viriam a desfrutar da versatilidade da caneta *Flo-master* que se torna o instrumento de eleição, permitindo variações da espessura do traço em função do aparo e uma gama de cinzentos e de efeitos esbatidos e arrastados em função da pressão e da posição sobre o papel. É o tempo das primeiras experiências em serigrafia antes ainda da participação no grupo 21/g/7, na sequência do interesse provocado pela Revista *Lusíada* sobre as artes gráficas e processos de impressão.

 A viagem de 1959 a Itália foi feita com António Bronze. Roma, Génova, Nápoles, Capri... sob o sortilégio da leitura de Axel Munthe mas também pelo texto de Paul Lechat no Guia *Petite Planète* e sob o espírito crítico e o sentido de humor de Blasco Ibañez na sua obra sobre Itália. Com essa orientação, aprofundou o interesse pelas diversas tipologias da arquitectura e, atendendo à arquitectura funerária, visitou os "campos santos" mais importantes das cidades por onde ia passando, com particular atenção, em Génova e Pisa cujas arquitecturas e esculturas viria a lembrar mais tarde, também pelo interesse sociológico, preparando a tese de doutoramento.

 Esta viagem vai determinar uma alteração fundamental na paleta, que se abre a um maior lirismo, conjugando com alegria laranjas, ocres, azuis mediterrânicos, verdes... as cores de Itália.

O recorte preto torna-se azul, por vezes azul da Prússia. Será esta paleta que passará por todos os trabalhos durante aproximadamente 10 anos, quase até ao fim da década de sessenta.

O trajecto levará a um gradual abandono do referente, à maior valorização da gestualidade ampla, com pincelada marcada em notório protagonismo, à menor presença de elementos lineares, dentro de uma linha tendencialmente informalista. (Fig.4-I e Fig. 4-II)

Os ocres de Assis são transportados para outros temas (como paisagens de Esposende ou do Furadouro) ou surgirão em temas antigos retomados, alterada a cor e abandonada a descrição. (Fig. 5)

Isto é documentado na 1ª Exposição Individual na Galeria Divulgação, em 1967 – onde os trabalhos absorvem temáticas locais italianas, agora tornadas indefinidas lembranças, submetidas a todo um processo de transformação e transfiguração em que a plástica domina, revelando-se em transgressões e lirismo, talvez com vagas referências em Tapiès, Saura, Millares, na abertura ao informalismo gestual, mais do que matérico. A exposição seria abordada por Diogo Alcoforado no Suplemento Literário do Jornal



Fig. 4-I - Pintura, 1961
Óleo s/ tela, 800x620 mm

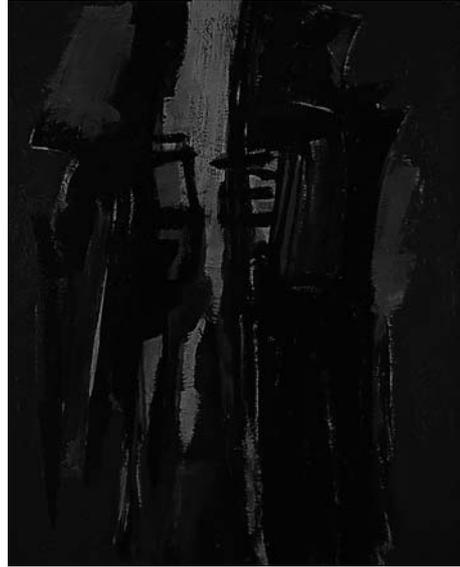


Fig. 4-II - Pintura, 1961
Óleo s/ tela, 550x460 mm



Exposição Individual na galeria Divulgação, 1967

de Notícias de 11 de Janeiro de 1968 e noticiada na página "Ângulo", nº. 14, um suplemento cultural amarantino, adiante referido. O texto do catálogo, da autoria de Ilídio Sardoeira teria reprodução na "República", em 19 de Julho do ano seguinte.

Neste período, a excepção é um trabalho de temática neo-realista *A defesa da Ilha*, de 1963, mais descritivo, mas dentro de uma abordagem matérica de carácter informalista com texturas de areia, em jogo de asperezas. O tema, sugerido pelo escritor Manuel Amaral, originou gravuras em linóleo, feitas a partir do óleo que foram publicadas pela editora angolana dirigida pelo escritor Garibaldino de Andrade, as "Publicações Imbondeiro" .

~~Paralelamente~~ Paralelamente, António Cardoso começou a aplicar na escola algumas ideias que vinha definindo sobre a importância da prática artística na educação e do papel do educador no estímulo das capacidades de cada criança, apoiando e desenvolvendo a sua criatividade. Valorizando a espontaneidade, pôs materiais (pedidos a várias empresas) à disposição dos alunos, incentivou descobertas de técnicas e experiências em pintura, desenho, colagens, mosaico... Entusiasmou-se com a frescura desses trabalhos, mancha e composição em criação livre, sem qualquer imposição. Sempre o ensino lhe serviu para aprender, "contrato" entre as duas partes que o fez recusar concepções autoritárias sobre a educação. A arte como meio de comunicar, como meio de realização da criança e de aquisição da consciência da liberdade, são ideias que defenderá desde esta altura.

Começou a escrever na "Escola Portuguesa" reflexões sobre questões educativas e aí também fez publicar alguns destes desenhos, surpreendendo por vezes os pequenos autores com sucessos recompensadores, um deles um prémio em concurso internacional. A revista contava com colaborações relevantes como a de M. M. Calvet de Magalhães, membro da direcção da "International Society for Education Through Art" e com vasta reflexão neste tema, ou Nuno Sampaio ou ainda de Luís de Pina, na página de cinema, e constituía um instrumento de comunicação importante na área da educação.

Cada vez mais envolvido pelas temáticas cruzadas da Arte e da Educação, deixa Herbert Read ou Arno Stern, Pierre Duquet ou Marthe Bernson conquistarem as suas prateleiras..."A Educação pela Arte" de Herbert Read de 1955, os vários títulos da colecção "Techniques de l'Education Artistique" como "Aspects et Technique de la Peinture d'Enfants" de Arno Stern de

1956, "Du Gribouillis au Dessin" de Marthe Bernson de 1957, "Du Dessin Spontane aux Techniques graphiques" de Arno Stern e Pierre Duquet de 1958, "L'Enfant Imagier" de Pierre Duquet de 1959, entre muitos, a revista "Art Educateur" editada por Delachaux & Niestlé S.A., ou os ensaios publicados pela Unesco com a direcção de Edwin Ziegfeld em "Art et Education" podem ser apontados entre os suportes teóricos do seu trabalho.

Em Outubro de 1958, no Porto, saiu o 1º número da revista "Coordenada-Cadernos de convívio". António Cardoso foi ilustrador e um dos redactores num grupo que compreendia António Cabral, Casimiro de Brito, Maria Rosa Colaço, Orlando Neves, Manuel Pego, Manuel Ferreira, António Simões, Rui Mendes, Silva Marques, Eduíno de Jesus, Fernando Amaral, Fernando Lopes, Ruy de Oliveira, Vítor Alegria, Armando Sousa, Pedro Alvim, Francisco Tinoco de Faria, Marques dos Santos, Jorge de Sampaio, José Manuel Mota, Acácio Barradas e Fernando Couto. A publicação apresentava-se como "plataforma de encontro entre jovens escritores e artistas" e de "todos aqueles que se interessam pela cultura" com o objectivo de "lutar pela concretização de um programa de autêntica divulgação cultural" como era explicado no editorial do primeiro número.

30

Com a coordenação de Agostinho Castro, Flávio Ferreira, Jorge Araújo, José Augusto Seabra e Carlos Porto no 1º número, e um propósito de "intervenção cívica", apenas pôde revelar-se em 2 números. No segundo, de Abril de 1959, encontramos o artigo de António Cardoso "Breve lembrança de Teixeira de Pascoaes". Também esse número divulgava uma entrevista a Marcelo Caetano, na altura em posição perigosa para o regime. A revista foi obrigada pela censura a acabar. No Editorial do segundo número pode ler-se: "Na verdade, *Coordenada – Cadernos de Convívio* não pretende, melhor não quer transformar-se em mais uma publicação literária, mesmo que os seus colaboradores sejam apenas jovens. Quer sim chamar a atenção a todos os portugueses para a incomensurável série de problemas concretos que os enquadram, estudá-los, propor soluções, encaminhar-se para a conquista de um progresso humano e cívico. E quer sim que esse trabalho seja feito essencialmente por todos, através de uma política de convivência e discussão onde a serenidade, a justeza, a honestidade e o respeito andem profundamente ligados. Aproximar os homens uns dos outros, controverter todos os seus problemas, apontar caminhos e conviver num são plano de liberdade e amizade intelectual." Foi considerado um objectivo demasiado "perverso" ...



Fig. 5 - Pintura, 1967
Óleo s/ tela



Fig. 6 - A Cidade e o Rio, 1961
Óleo s/ tela, 460x555 mm

O fim da década de 50 instauraria a tradição das páginas literárias no *O Comércio do Porto* dirigida por Costa Barreto, no *Jornal de Notícias* dirigida por Ramos de Almeida e depois Nuno Teixeira Neves, no *O Primeiro de Janeiro* dirigida pelo poeta Alberto Serpa. Nesta linha de acção, António Cardoso dirigiu a "página Quatro" do jornal *Flor do Tâmega*, jornal fundado pelo pai de António Carneiro e onde Teixeira de Pascoaes colaborara. Por aí passaria a modernidade em Amarante, e também pelo Suplemento Cultural "Ângulo", a partir de 14 de Agosto de 1966, cuja responsabilidade também vem a assumir com Manuel Amaral. Foi a *Flor do Tâmega* que em 1962 convidou António Cardoso a acompanhar o presidente da Câmara, Coronel Carvalho Lima, ao Brasil, surgindo assim a oportunidade de conhecer o Rio de Janeiro, S. Paulo, Brasília, e aqui o plano director de Lúcio Lara e as arquitecturas de Niemeyer, de reflectir sobre as teorias urbanísticas e fazer a ponte para Le Corbusier. Escreve durante a viagem cerca de 7 artigos ao mesmo tempo que guarda memórias e sensações que reterá em várias aguarelas, trechos de paisagens como o Corcovado (que viria a dar origem a um dos desenhos do album), a forte impressão das xilogravuras de Fayga Ostrower, da expressão de Portinari ou de Cavalcanti.

Sob a responsabilidade de António Cardoso e Manuel Amaral, o Suplemento Cultural "Ângulo" serviu de ligação entre a comunidade e os artistas, e deu a conhecer algumas propostas recentes ou polémicas. Um artigo sobre Picasso viria a provocar a suspensão temporária do jornal.

• **A Telescola. Arte/ensino, a arte de ensinar e a arte para ensinar**

Nos primeiros anos de sessenta, Baptista Martins, inspector escolar, de passagem por Amarante vai visitar o Museu. Pessoa culta, actualizada em diversas áreas, acompanhava a produção artística a nível internacional. Saía fora do estereótipo do “inspector”.

Ao observar as obras, reparou surpreendido no número de autores Amarantinos. Comentando o assunto com um funcionário, tomou conhecimento que uma delas era de um professor do ensino primário, jovem, e que tinha sido oferecida ao Museu por um vereador da Câmara. Interessado em conhecer este professor primário/artista plástico, Baptista Martins deixa um cartão dizendo da sua surpresa por encontrar em Amarante um professor que se interessa por outros assuntos além do exigido pela profissão. No mesmo tom respondeu António Cardoso ao inspector. Também ele estava agradavelmente admirado por ter vindo a Amarante um Inspector que se interessava por Arte e que não se detinha na crítica ao pormenor comezinho.

32

Assim, com este episódio, se deu início a um relacionamento de simpatia que acabaria por levar ao ingresso de António Cardoso no Instituto de Meios Audio-visuais e no Instituto de Tecnologia Educativa, apresentando programas de Televisão Escolar.

Baptista Martins teve um papel determinante no início da Telescola em Portugal. Conhecia as experiências italianas, a televisão da Baviera, os núcleos belgas. Seguia a ideia europeia de que a televisão escolar era a solução para cobrir um país com carência de escolas e professores, dando continuidade ao ensino primário.

Para a concretização desse objectivo, Baptista Martins pensou um concurso a nível nacional que permitisse seleccionar um número de professores para fazer as primeiras experiências. O concurso foi veiculado pelos directores escolares dos distritos, com indicação de alguns professores que deviam ser submetidos a provas. António Cardoso foi um dos indicados, considerado por Baptista Martins indispensável. O inspector pensava já na realização de programas em que os temas seriam ilustrados em directo através do desenho o que de facto António Cardoso viria a fazer. Não havia ainda programa bem definido. Seria um ensaio de educação de adultos.

Um pouco hesitante inicialmente, António Cardoso decidiu ir a Lisboa e submeter-se à selecção que incluía entrevista, testes de voz e improvisação de uma lição de alfabetização, sendo aprovado.

O seu interesse pela "arte infantil" encaixava mais uma vez nos interesses profissionais. Analisa então as reflexões de M.M. Calvet de Magalhães sobre a educação pela arte bem como as reflexões de Henri Dieuzeide sobre ensino através da televisão e meios áudio-visuais, em geral. Acompanha as discussões sobre a arte como terapia tanto para a criança como para o adulto e as pesquisas nessa área, feitas por médicos como Fernandes da Fonseca, Fernando Rente, João dos Santos. Ou outros estudos que se evidenciaram nesta área, abordando a expressão plástica nas perspectivas da interpretação, da saúde ou da educação como viriam a fazer Elvira Leite, Manuela Malpique, Celeste Malpique e Alberto Carneiro. António Cardoso atende a toda a informação a que tem acesso, cruza-a com as leituras já realizadas, a experiência humana adquirida nas viagens, a prática pedagógica, a sua experiência como pintor, o convívio com os exercícios de António Quadros em cinema experimental de animação (com que deliciava os amigos no seu atelier na rua de Passos Manuel em frente ao Magestic) e suas considerações sobre os trabalhos plásticos das crianças; ou ainda a informação tornada acessível pelo Cineclube com os ciclos dedicados ao cinema de animação, nomeadamente a Mac Laren, que permitiram analisar com detalhe o trabalho gráfico e plástico e as técnicas de tomadas de vista, interligando-se com as experiências audiovisuais no ensino.

Na sequência da criação em 1964 da Telescola, como via alternativa da escolaridade obrigatória, equivalente ao ciclo preparatório, em 23 de Outubro de 1965 iniciaram-se os programas regulares da Televisão Escolar. Os postos escolares eram supervisionados pelos orientadores pedagógicos e um apoio regular era dado através de sessões de orientação.

Na qualidade de realizador da Televisão Escolar (função que exerceu de 1965 a 1974) António Cardoso é convidado a participar no V Seminário Internacional da União Europeia da Radiodifusão, para a Televisão Escolar, em Dezembro de 1967, em Basileia permitindo uma vez mais confrontar a realidade nacional com a europeia, na sequência de anterior seminário internacional realizado em Lisboa.

Terminadas as Comissões de Serviço e na situação de professor do ensino secundário, vive o movimento de forte empenhamento na dinamização e qualidade do ensino que entusiasma os professores do Porto, com desta-

que para a contribuição de Irene e Luísa Cortesão. António Cardoso percorre o país em Acções Pedagógicas, ancorado na didáctica da História e do Português. Era ainda tempo de utopias, na sequência das campanhas do MFA, da certeza de transformar o mundo.

É então convidado para a direcção pedagógica da Telescola, em 1977, assumindo o cargo até 1981. No texto "Alguns aspectos psicopedagógicos"⁵ encontramos as ideias orientadoras do seu trabalho, na primeira pessoa. Defende uma "psicopedagogia virada para o conhecimento do aluno, para a criatividade", evitando a tentação de uma pedagogia directiva cujos inconvenientes aponta: "ela abafa, ela frena potencialidades, vela a afirmação do aluno, é factor inibitório e o acto educativo perde o aspecto predominantemente activo e libertador".

Afirma as vantagens de promover a liberdade de levantar questões e hipóteses, de promover a capacidade de crítica, na preparação de um sujeito livre e responsável. Defende a "[...]avaliação contínua na qual se implicam o aluno e o professor", avançando com a ideia que "[...]Avaliar sempre se avaliou mas, para além da nova maneira de o fazermos, temos de levar em linha de conta o clima propício ou não a situações criativas."

Faz a apologia ao respeito pela individualidade do aluno: "O que é necessário é fazer com que a criança "aprenda a aprender" e que saibamos, nós pelo menos, teoricamente das potencialidades que nela existem."

Considerando a necessidade de um desenvolvimento harmonioso conjugando "os aspectos cognitivo, afectivo e psicomotor" propõe uma "pedagogia de objectivos bem explícitos, ligados intimamente às situações étárias[...] não deixando de lembrar todo o processo genético e psicológico que jamais devemos subestimar".

Aponta um cuidado fundamental a ter na elaboração das unidades didácticas: "Queremos trabalhar com unidades didácticas que pressupõem uma coerência de processos, de encadeamento lógico, dentro de uma programação dinâmica e sincronizada com as diferentes áreas de interdisciplinaridade." [...]Estamos já a apontar para uma situação desejável e que queremos incentivada: a do trabalho em grupo.[...]O trabalho de grupo, dentro de toda a sua dinâmica, é propiciador de uma sociabilização, responde a aspectos gregários de nível afectivo, proporciona uma emulação sadia, é gerador de crítica e de autocritica, de "saber estar no mundo". [...] o professor é apenas o árbitro atento ou desencadeador momentâneo de hipóteses geradoras. É um trabalho que aponta para a inserção na comunidade, é uma das pontes possíveis entre a Escola e o Meio."

 Nos últimos anos de 60, as telas retomam os esmeraldas e o azul da Prússia "trazidos" da primeira viagem a Itália. No óleo "A cidade e o rio" de 1969 (Fig. 6) oculta o rio, mais sígnico, perto da abstracção. Uma opção por não figurar revela a mancha em plano de cor do corpo do rio e as margens em perfis recortados, como colagens. De novo o pincel indicia direcções e contrapõe sugestões de espaço.

Por outro lado, outros trajectos se impõem como alternativas à velha Escola de Paris. É nesta altura que António Cardoso trabalha os objectos tridimensionais, pinturas/objectos, fundindo pintura e escultura em composições de geometrias e cor. Questões da arte conceptual se apresentam então, no reforço da ideia, na isenção de emoção, no "distanciamento" do autor na realização de obras como "Pintura /Objecto" em 1968.



Pintura/Objecto, 1968
Madeira Policromada, 800x990x80 mm

• **Universidade/universalidade**

~~XXXXXX~~ O regime de frequência nas Belas Artes não tinha sido compatível com o horário de trabalho como realizador de programas, inviabilizando a continuação do curso. Direito estaria nos seus objectivos práticos se, entretanto, a abertura da FLUP não tornasse óbvia outra decisão: iria frequentar História.

Da licenciatura, a memória das aulas encantatórias de José António Ferreira de Almeida, referência pedagógica de muitos professores, inspirador e mentor. Através dele e de Laura de Sá Carneiro, a noção do poder da palavra e da sua sedução no domínio de um discurso estético. Ambos conquistavam os alunos para os seus temas pelas qualidades pedagógicas de excepção, fazendo tomar consciência da importância dessa faceta do professor, sem a qual o conhecimento não passa e a erudição pouco serve. De Carlos Alberto Ferreira de Almeida como professor lembra em particular o contacto com os sítios e as gentes durante as viagens de estudo, o sentido da terrantês, a procura das raízes, a compreensão das pessoas, a visão interdisciplinar, o espírito divergente, criativo, marginal; a intuição, a capacidade de estabelecer pontes; a sensibilidade aos vários saberes; a utilização pessoal e original da palavra e a consciência do seu poder gerador. Se José António Ferreira de Almeida permanece uma referência pedagógica e estética, Carlos Alberto Ferreira de Almeida é uma referência ética. Com a reformulação dos cursos e o início das variantes, mais professores foram necessários na FLUP e o convite surgiu, assim, em função dos novos currículos e dando início ao estudo da arte no século XX. António Cardoso menciona o estímulo de Betâmio de Almeida, então Presidente do Instituto de Tecnologia Educativa, incentivando-o a aceitar o cargo. A coincidência do centenário do nascimento de Picasso no ano de ingresso, em 1981, com a grande exposição em Madrid que visitou, sugeriu-lhe reflexões sobre vertentes da obra de Picasso em intervenções variadas que ultrapassaram os limites da Faculdade, realizadas no Círculo de Belas Artes de Madrid, no Instituto Espanhol de Cultura, no Museu Nacional de Soares dos Reis, no Museu de Amarante e em Escolas Secundárias do Porto e de Gaia. As novas disposições legais implicaram desde logo preparar a tese de doutoramento. A área de trabalho conduziu para José Augusto França, único professor que tutelava o século XX em Portugal. Os seus livros sobre a arte no século XIX e XX eram leituras indispensáveis e obrigatórias onde todos mergulhavam.

Por ocasião das comemorações do centenário da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães, José Augusto França aí se deslocou para fazer uma conferência sobre o edifício-sede da Sociedade e sobre o arquitecto Marques da Silva. Com um suporte precioso - as bases de conhecimento sobre arquitectura adquiridas em continuado estudo com Carlos Alberto Ferreira de Almeida e, durante as viagens, no que se refere sobretudo à arquitectura moderna - a ideia de estudar a obra de Marques da Silva ocorre naturalmente a António Cardoso, alterando prévios planos, que passariam por Amadeo de Souza Cardoso (a quem dedicou todavia diversos textos, comunicações, conferências, palestras, a produção de um filme e a participação num outro, o filme de Paulo Rocha sobre o pintor....) ou António Carneiro que continuou a estudar.

Com a colaboração da família e o arquivo do arquitecto disponibilizado, António Cardoso enfrenta os problemas da compatibilização da docência com a investigação e com todo o trabalho de "limpeza" e organização dos documentos. Parece-lhe que, tal como um realizador no cinema, o investigador/professor precisaria de um equipa de apoio... já que para o investigador na área das ciências humanas a docência é muito importante. Estar com os alunos implica sempre dar e receber, num comprometimento diário com as coisas, aferindo os raciocínios e a maneira de os expor. Se as ciências exactas têm o laboratório que compra ou consome a investigação, na área das ciências humanas são os contactos humanos que fazem o consumo e o estimulam. Torna-se por isso necessário criar estratégias para poupar tempo nas tarefas de suporte, paralelamente à essencial colaboração dos outros colegas, viabilizando a desejável redução do número de aulas.

Durante a investigação António Cardoso sentiu as questões das relações humanas como fundamentais. Um bom relacionamento, o esclarecimento dos objectivos em causa, podem colmatar deficiências de organização do material, problemas dos arquivos não tratados, falhas de organização ou lacunas de peças - frequentes devido a deficiências da política de arquivos, sobretudo na área de arquitectura e urbanismo.

Frequentemente, o arquivo do arquitecto correspondia a essas lacunas dos arquivos das Câmaras Municipais. Com o hábito de tudo registar, as agendas pessoais de Marques da Silva revelaram-se fontes preciosas para a construção de uma *Petite Histoire* paralela aos grandes acontecimentos, e base da sua compreensão.

A Exposição na Casa do Infante sobre Marques da Silva, em 1986, permitiu traçar as linhas de força da tese. A opção por uma abordagem sociológica remete para José-Augusto França - embora ligada a tudo o que sempre interessou António Cardoso como professor - e alicerçava-se na experiência da docência da disciplina de Sociologia da Arte que chegou a ter a seu cargo. O reconhecimento do valor do trabalho realizado por parte da família do arquitecto e a consideração pelo investigador viriam ainda a ter como consequência a integração do legado do arquitecto Marques da Silva na Universidade do Porto. Na sugestão feita por António Cardoso nesse sentido, Maria José Marques da Silva encontrou correspondência com a sua própria vontade, à qual deu expressão formal em testamento datado de 24 de Agosto de 1993. A criação do Instituto Arquitecto José Marques da Silva em Junho de 1994, com instalações no edifício-*atelier* da Praça do Marques de Pombal, daí decorreu.

Os estudos sobre História Local que vinha realizando, particularmente sobre temáticas amarantinas (*S. Gonçalo de Amarante*, 1978; *A Igreja Românica de Gondar*, 1979; *Marânus: Antologia de Textos sobre Amarante, a terra e as gentes*, 1979...) encadeiam-se com a preocupação da abertura da Faculdade ao exterior, estabelecendo uma proximidade entre instituições, a Faculdade e o Museu, que sempre defendeu. Decorrendo naturalmente de acompanhamento que sempre dedicou ao Museu de Amarante por via do Grupo de Amigos do Museu e da continuada colaboração na área da Museologia, sendo membro da APOM, viria a receber, nos primeiros anos de 90, convite formulado pela Câmara para exercer funções de Director com reconhecido apreço da própria Faculdade, consolidando uma colaboração que na Revista "Entremuros" é concretizada como extensão da própria Faculdade, sendo o Conselho Consultivo constituído por Professores da Faculdade de Letras e da Faculdade de Arquitectura. A raridade de trabalhos originais de investigação sobre a área da sua vocação (temas ligados a Amarante) tem sido o obstáculo à periodicidade anual pretendida para a publicação.

Noutras vertentes se manifestou também a vontade de ligação do estabelecimento de ensino ao exterior, de que é exemplo a iniciativa de organizar passeios de estudo no âmbito da disciplina de *História da Arte do Século XX*. Momentos de grande eficácia pedagógica (como as visitas a Barcelona, Madrid, Mérida) que se tornaram memórias felizes para os alunos que destacam a pertinência no encadeamento das informações, a vivacidade dos comentários, a alegria transmitida pelo Professor desfru-

tando das potencialidades da cidade no estudo da arte contemporânea. Com o mesmo sentido se regista a organização de exposições, dentro das instalações da Faculdade, de artistas da cidade (como o escultor Zulmiro de Carvalho, ou os pintores Ângelo de Sousa e Carlos Carreiro), a colaboração com outros estabelecimentos de ensino, participando em mesas redondas, proferindo conferências e palestras em diversas instituições culturais, Institutos, Fundações e Museus, as lições sobre temas de História da Arte integradas em variados cursos, alguns dirigidos a docentes de outras áreas ou ainda, noutra via, a participação na Comissão do Património da Câmara Municipal do Porto representando a Faculdade.

A produção de textos de crítica de arte tem acompanhado o percurso de docente, com especial atenção (que o interesse pelas novas propostas plásticas sempre inspirará) para a apresentação ou divulgação da obra de jovens artistas - Ana Pimentel, Cristina Valadas, Luís Melo, Joana Rêgo, Paulo Neves, Rita Carreiro, entre outros. E, neste sentido, integra a Secção Portuguesa da Associação Internacional dos Críticos de Arte.

 Ressentiu-se da concentração na investigação durante o período de preparação da tese a vertente de pintor, constrangida então, sobretudo, a desenhos ou registos em pequeno formato.

Em 1977, tinham surgido os primeiros desenhos de carácter geometrizar-te e estilizador, a tinta da china. Tiveram como ponto de partida o Algarve, selvagem e puro - a praia da Oura como primeiro tema - com o claro/escuro do fim da tarde, o primeiro *lettering* contido dos bares, o claro/escuro das falésias, as marcas da erosão, as formas silhuetadas dos pinheiros e palmeiras. Os três anos seguintes permitirão constituir uma série, apresentada ao público em 1980, em formato de álbum, com prefácio de Diogo Alcoforado. Simplificações das sensações visuais colocam por vezes a experiência da paisagem perto da abstracção - momentos em que são intensificadas sensações de movimento ou a oposição entre inclinações das diagonais ou entre cheios e vazios. Um outro conjunto de desenhos se relaciona pelas soluções de composição: a exploração do contraste preto/branco num primeiro plano, a densidade na linha quase a tornando plano e a maior leveza dos planos mais afastados, com indicações de profundidade e expansão dados pelo efeito de paralelas progressivamente mais finas ou com menor intervalo. Num outro ainda, o peso visual do primeiro plano contrapõe-se ao branco da folha que passa a ser lido como horizonte distante. Em todos os trabalhos, valores decorativos se realizam na construções de ritmos, ora através de repetições de direcção da linha, ora através da espessura do traço. (Fig. 7)

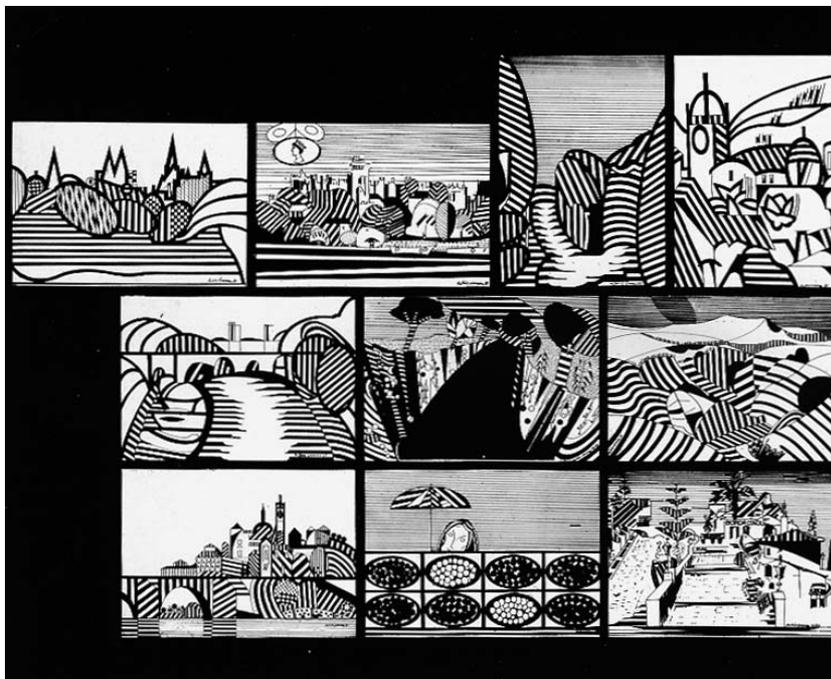
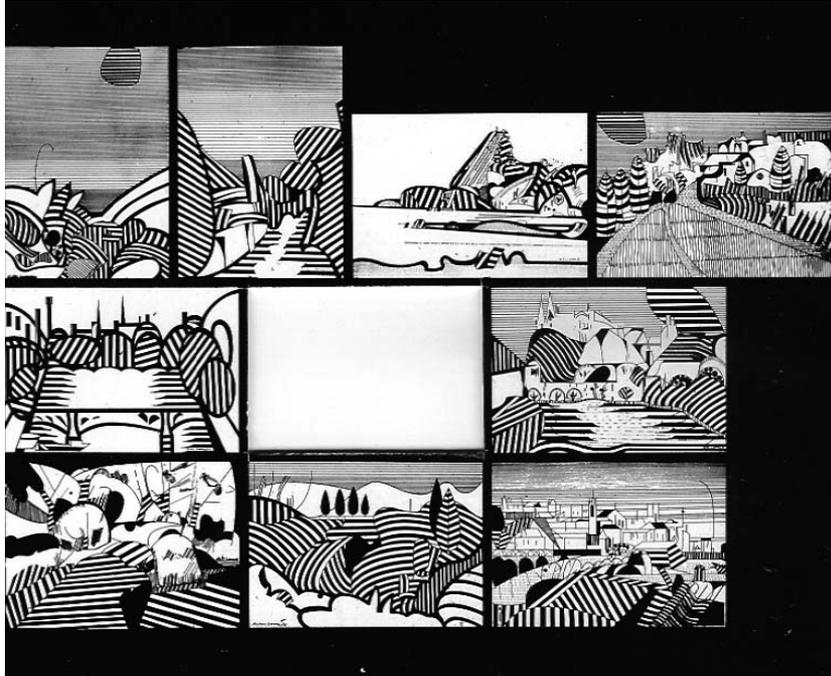


Fig. 7 - António Cardoso: Álbum 20 Desenhos, 1980

Os desenhos realizados durante as viagens, por vezes ao lado do condutor, em bloco de apontamentos de bolso, ou rápidos e leves registos captando expressões e atitudes, aproveitando um momento de pausa - como os breves traços com que fixou, com simpatia e um certo humor, a postura concentrada de algumas alunas realizando os últimos exames (Fig. 8) - acompanham os anos entre 1981 e 2002. António Cardoso dedica-se sobretudo à Faculdade, a obra gráfica e aguarela limitada aos momentos livres... Apraz-lhe então refazer trabalhos que tinham ficado inacabados. No entanto, cada vez resiste menos ao apelo da pintura e a ela vem regressando, sempre com os pretextos das viagens e partindo do prévio apontamento no local. Escolhe uma dimensão íntima, próxima da folha do diário ou da carta São perspectivas de arquiteturas, de estradas e sinais. Interrogações e resistências das quais a viagem e a paisagem, que não regista mas que o motiva, é metáfora. O prazer da plasticidade é evidente, a carícia do movimento das linhas e das formas biomórficas. O corpo absorve e entrega-se ao horizonte (Fig. 9).

~~Num~~ Num quotidiano de docente pautado pela noção de que a vocação de um professor universitário é de universalidade e que a erudição pode tornar-se uma prisão se não integrar conhecimentos e experiências diversas, a sensibilidade aos aspectos pedagógicos permitiu a António Cardoso transmitir a paixão pelo estudo e agarrar os alunos para os temas, consciente que cada aula é potencialmente um momento decisivo, ao abrir possibilidades de aprofundamento ou mostrar outros rumos. Ouvir os outros e desfrutar da sua companhia, cultivar o prazer de conversar, ler, ir ao cinema, ouvir música, ouvir os pássaros, sentir o sol, divertir-se... atentar em tudo o que existe...procurar compreender... relacionar saberes. Tudo isto compõe a vida de um professor, encadeador de tempos. *A memória permite compreender as pessoas e os acontecimentos. A memória é o recurso do ser humano contra a morte, a rasura.* (António Cardoso)

¹ A proposta da criação de uma Biblioteca-Museu Municipal e a sua instalação no Convento de S. Gonçalo de Amarante foi apresentada oficialmente em Câmara em Dezembro de 1947, com aprovação, na sequência de um desejo acarinhado pelos amarantinos desde o século XIX. Cf. CARDOSO, António – *O Museu Amadeo de Souza-Cardoso: Arquitectura, Espaços e Coleções*. In Catálogo Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso. Amarante: Museu Amadeo Souza-Cardoso, 1997.

² Cf. CATÁLOGO *50 Ans d'Art Moderne*. Bruxelles : « Expositions Internationales des Beaux-Arts, Bruxelles 1958 », 1958.

³ CARDOSO, Rui – *Exposições Universais 1958*. Lisboa: Expo' 98, 1997. p. 48

⁴ CATÁLOGO *Première Biennale de Paris*. Paris : Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, 1959.

⁵ CARDOSO, António – *Alguns Aspectos Psicopedagógicos*. Lisboa: Instituto de Tecnologia Educativa, 1977.

Nota: São usadas no texto, como indicadores temáticos, duas gravuras de António Cardoso, realizadas em linóleo, que ilustraram o n.º 1 da revista *Coordenado - Cadernos de convívio*, de 1958.



Fig. 8 - Registos breves: os últimos exames

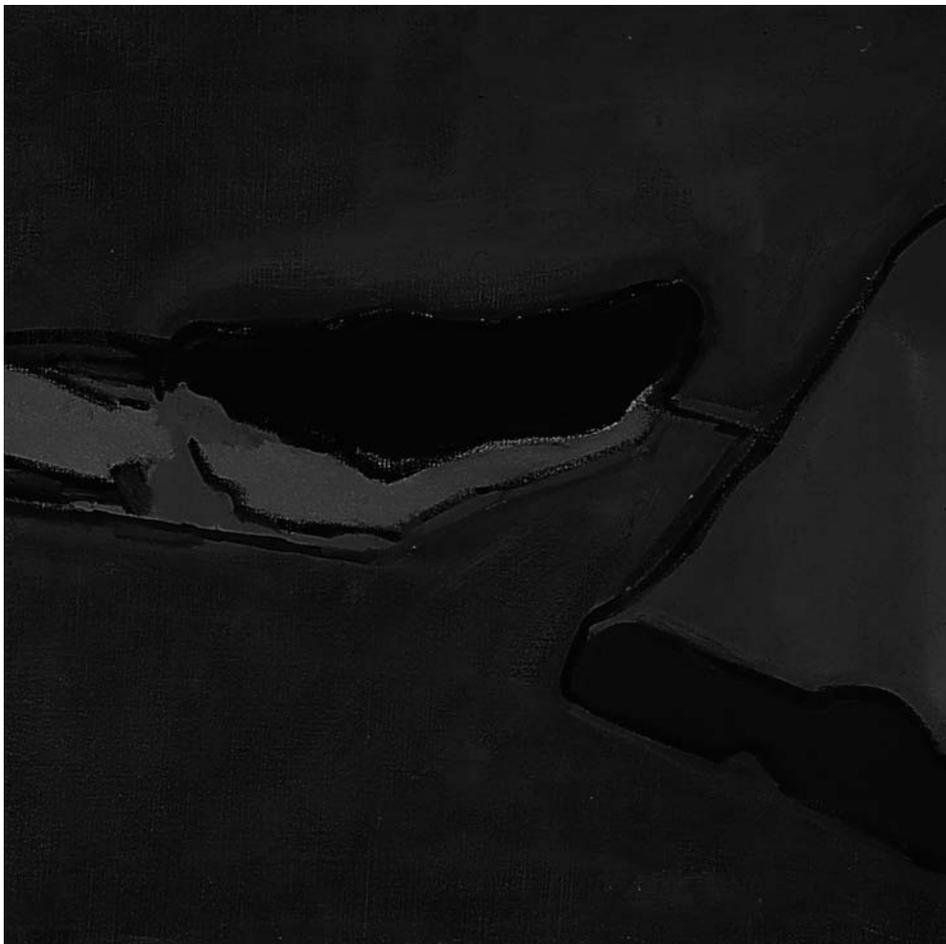


Fig. 9 - Viagens 2002
Óleo s/ tela, 400x400 mm

ANTÓNIO CARDOSO PINHEIRO DE CARVALHO

1 - Formação:

- Curso do Magistério Primário, 1949-1951.
- Frequência da Escola Superior de Belas Artes do Porto, 1965/66.
- Licenciatura em História/Faculdade de Letras do Porto, 1974-16 valores.
- Estágio pedagógico no CPES -16,1 valores.
- Participação em seminários da OCDE, em Lisboa, da União Europeia de Radiodifusão (UER), em Basileia, (1967) e da Universidade do Minho (área educativa).
- Realização de Provas de Doutoramento em História/Área de História da Arte com o tema *O Arquitecto José Marques da Silva e a Arquitectura no Norte do País na primeira metade do séc. XX*, apresentadas à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 19 de Novembro de 1992, tendo sido aprovado por unanimidade, distinção e louvor.

2 - Actividade Profissional:

- Professor do Ensino Básico e Secundário.
- Apresentador de Programas de Televisão Escolar no âmbito do Instituto de Meios Audio/Visuais e do Instituto de Tecnologia Educativa de 1963 a 1965.
- Realizador de programas da T.V. Educativa e da Telescola/ITE de 1965 a 1974.
- Director de Curso do CPTV /ITE de 1977 a 1981 .
- Dirigiu Acções de Formação de Professores do Ensino Básico e Secundário em diferentes cidades do Continente e Ilhas, promovidas pelo Ministério da Educação.
- Dirigiu Acções de Formação de Professores do C.P.T.V. difundidas pela RTP, promovidas pelo Instituto de Tecnologia Educativa.
- Integrou uma Comissão do Ministério da Educação para reformulação do Sistema de Avaliação de Alunos do Ensino Básico e Secundário.
- Assistente convidado da Faculdade de letras do Porto, desde 1981 a 1992, tendo regido as cadeiras de História de Arte Antiga, Sociologia de Arte, Arte dos Séculos XIX e XX, Geral e em Portugal, História da Arte do Século XX e Introdução à História de Arte.
- Foi professor da “Escola Superior de Jornalismo” onde orientou a

cadeira de Noções de Estética e História de Arte. No âmbito do jornalismo participou num Seminário da Universidade de Trás-os-Montes (UTAD).

- Integrou a Comissão Instaladora do “Instituto de Design” criado pela Reitoria da Universidade do Porto. Aí leccionou a cadeira de História do Design.
- Professor Auxiliar da Faculdade de Letras do Porto, desde 19 de Novembro de 1992, tendo sido nomeado definitivamente Professor Auxiliar além do quadro da mesma Faculdade com efeitos a partir de 19 de Novembro de 1997.
- Professor Associado em 1999.

3 - Actividade pedagógica

3.1. Leccionação

- Foi docente, em 1993-94, da cadeira de Arte Antiga por necessidade de distribuição de serviço; regeu a cadeira de História da Arte do Século XX, de acordo com as alterações curriculares aprovadas pela Portaria n.º 850/871 de 3 de Novembro, a qual dado o sistema progressivo de transição, funcionou pela primeira vez no ano lectivo de 1990/91.

3.2 - Orientação de seminários

- Orientou seminários de Património/Restauro, Escultura, do séc. XX e Arquitectura do séc. XX, inscritos no Mestrado de História da Arte da FLUP (DCTP).

3.3 - Orientação de dissertações

- Orienta duas teses de doutoramento.

Mestrados

- Orientou as seguintes Dissertações de Mestrado apresentadas à FLUP, tendo os Mestres sido aprovados com as maiores classificações: 1996:
 - PACHECO, Alexandra Trevisan da Silveira - *A Arquitectura Artes Déco no Porto*.
 - SOARES, Maria Manuela Martins - *Jardins do Porto de Oitocentos/ Percursos, Tipologias e Persistências*.

1997:

- CARVALHO, Maria Filomena Barros de - *Arquitectura e Vilegiatura na Foz do Douro (1850-1970)*.
- PIRES, Maria do Carmo - *A Rua Álvares Cabral (1895-1940) - Formas de habitar*.
- SOARES, Maria Leonor Barbosa - *Eduardo Luiz: Uma obra-síntese de lições e de tempos*.

1998:

- AMORIM, Sandra Maria Araújo de - *A Póvoa do Varzim. Obras Públicas e Crescimento Urbano (1771-1836)*.

1999:

- ABREU, José Guilherme - *A Escultura no Espaço Público do Porto no séc. XX: Inventário, História, Perspectivas de Interpretação*.
- LEAL, Miguel Teixeira de Sousa - *Desmembramento, desmaterialização, reconstrução: para uma abordagem às mutações do conceito de escultura na arte portuguesa entre 1968 e 1971*.
- LOBO, Maria Natália de Magalhães Moreira - *O Ensino das Artes Aplicadas (ourivesaria e talha) na Escola Faria Guimarães de 1884 a 1948: Reflexos no Desenvolvimento Artístico da Cidade do Porto*.
- PELAYO, Maria Raquel Nunes de Almeida e Casal - *Artes Plásticas e Vanguarda em Portugal, 1968 - Abril de 1974*.
- POÇAS, Susana Maria Loureiro Restier Grijó - *Amedeo Modigliani. O Preciosismo no desenho e as cumplicidades lusas*.

2000:

- COIMBRA, Prudência Maria Fernandes Antão - *Jorge Vieira - Ofício: Escultor*.

2002:

- PAIVA, Anabela Rocha - *Abel Salazar. Onde nasce o erro?*
- SILVA, António Fernando Monteiro Pereira da - *A metáfora da morte na Escultura Contemporânea em Portugal na 2ª metade do séc. XX*.

- **Nesta data orienta 4 teses de mestrado da última edição, a decorrer.**

4.Participação em júris

4. 1. Provas de Doutoramento

- Participou no júri das Provas de Doutoramento de Fausto Sanches

Martins (Fac. Letras da UP), Francisco Barata Fernandes (Fac. de Arquitectura da UP), e de Raquel Henriques da Silva (UN de Lisboa).

- Arguiu a Tese de Doutoramento de Lucília da Glória Verdelho da Costa Ladoucette - *Alfredo de Andrade (1839-1915)* - apresentada à Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

4. 2. Provas de Mestrado

- Arguiu as Teses de Mestrado seguintes, apresentadas à Universidade Nova de Lisboa /Faculdade de Ciências Sociais e Humanas:

- CASTRO, Laura Lucinda de Oliveira - *Júlio Resende: Raíz expressionista e Tentações da Pintura ocidental*. Lisboa: 1994

- PEDRO, Ana Maria Alves - *A Arquitectura Hoteleira de Lisboa (1892-1959)*. Lisboa: 1995.

- FALCÃO, Maria Isabel dos Reis Mota e Noronha – *Diogo de Macedo: O Escultor*. Lisboa: 1997

- LEAL, Joana Esteves Cunha – *Giuseppe Cinatti (1808-1879). Percurso e obra*. Lisboa: 1997.

48

4.3. Equivalência de graus

- Fez parte de um júri de reconhecimento do grau de Doutor obtido na Universidade de Salamanca, junto da U.P.

- Fez parte do júri de equivalência a nível de mestrado da licenciada Maria Cecília Calado Saraiva de Sousa Eiró - *Vespeira pintre surrealista português* - apresentada à Universidade de Montréal, constituído na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1997.

4.4. Selecção de candidatos

- Participou no júri de selecção e seriação das candidaturas ao Concurso para recrutamento de um Assistente Estagiário ou Assistente para a área de História da Arte do Curso de História da Faculdade de Letras do Porto;

- Participou nos júris de selecção de candidatos das duas últimas edições dos Mestrados de História da Arte.

- Fez parte de um dos júris, de 1993, dos exames ad hoc à Faculdade de Letras nas áreas da História e Filosofia.

- Integrou júris de mestrado na Faculdade de Letras do Porto.

5 - Actividade científica

5.1 - Publicações de Livros

- *S. Gonçalo de Amarante (...)* Amarante: Câmara Municipal de Amarante, 1978.
- *A Igreja Românica de Gondar.* Amarante: Câmara Municipal de Amarante, 1979.
- *O Palácio da Bolsa.* Porto: Associação Comercial do Porto, 1994
- *O Arquitecto José Marques da Silva e a Arquitectura no Norte do País na primeira metade do século XX.* Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1997.

5.2 - Artigos

- *Subsídios para o estudo das telhas romanas.* In “Revista da Fac. Letras”, Série de História. Porto: 1971 (Também publicado em separata).
- *Gênese e morfologia das fachadas das ourivesarias e joalharias da Cidade do Porto.* In Ourivesaria do Norte de Portugal. Porto: Casa do Infante, 1984.
- *Amadeo de Souza-Cardoso na colecção Diogo de Macedo.* In Mea Villa. Vila Nova de Gaia: 1985. (Também publicado em separata).
- *J. Marques da Silva/Arquitecto, 1869-1947.* Separata do Catálogo da exposição J. Marques da Silva/Arquitecto, 1869-1947. Porto: 1986.
- *S. Gonçalo de Amarante. Formas e persistências do seu culto. Instituição da Ordem Terceira de S. Domingos.* In Actas do II Encontro de História Dominicana em Santarém. Porto: 1987.
- *A Casa de Serralves: desenvolvimento e projecto.* Separata do Catálogo da Exposição *Casa de Serralves/Retrato de uma época.* Porto: Secretaria de Estado da Cultura, 1988.
- *Amadeo de Souza-Cardoso e a imagem de Amarante* (comunicação ao Colóquio Amadeo de Souza Cardoso) in Revista “Entremuros”, nº1. Amarante: 1990; idem in *Mondriam – Amadeo: Da Paisagem à Abstracção.* Porto: Fundação de Serralves, 2001.
- *Évolution de L’architecture a Porto au long du XIX siècle.* In Le XIX siècle au Portugal. Paris: Fundação Gulbenkian, 1988.
- *O Teatro Nacional de S. João.* In ‘Teatro Nacional de S. João: Um Renascimento. Porto: 1993.
- *O Santuário da Penha e a sua Arquitectura.* In Actas do Simpósio Mariológico. Braga: 1994.

- *A Arquitectura do Ferro no Porto Oitocentista*. In Porto 1865: Uma Exposição. Porto: 1994.
- *Tendências da Pintura Contemporânea em Portugal*. Santa Maria da Feira: 1994.
- *Un chef-d'oeuvre des années 30 : La Fondation de Serralves a Porto*. In Monuments Historiques, 194. Paris : 1994.
- *Escritas paralelas*. In Catálogo da exposição de Cristina Valadas. Porto:1995.
- *As Peregrinações na Pintura*. In Catálogo da exposição de Pedro Rocha. Porto: 1995.
- *O Teatro de S. João e os modelos franceses da sua génese*. In Boletim IPPAR, 1. Lisboa: 1995.
- *O Convento de S. Gonçalo de Amarante, utilização e reutilizações*. In “Monumentos”, 3. Lisboa, 1995.
- *Escultura/Pintura e referências*. In Catálogo da 2ª Bienal de Arte AIP.96/Pintura/Escultura. Porto: 1996.
- *Joana Rêgo e os jogos da ocultação*. In Catalogo da exposição de Joana Rêgo. Porto: 1996.
- *Dulce Barata Feyo, os signos liquefeitos e as alusões*. In Porto Catálogo da exposição de Dulce Barata Feyo. Porto: 1996.
- *Albano Sardoeira, um homem de cultura*. in Entremuros, 2. Amarante: 1996.
- *Amadeo e Almada, substantivos ímpares e a cúmplice modernidade*. Comunicação apresentada ao Colóquio Internacional Almada Negreiros “A descoberta como necessidade”, Porto, 1996. In Almada Negreiros/ A descoberta como necessidade. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1998.
- *O Museu Amadeo de Souza-Cardoso: arquitectura, espaços e colecções*. In Catálogo Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso. Amarante: Museu Amadeo Souza-Cardoso, 1977.
- *A Arquitectura e o urbanismo do Porto pós-almadino e os modelos franceses e flamengos*. In “Lisboa Iluminista e o seu tempo”. Lisboa: Universidade Autónoma, 1997.
- *A Arquitectura e o urbanismo do Porto pós-almadino e os modelos franceses e flamengos*. In Lisboa Iluminista e o seu tempo. Lisboa: Universidade Autónoma, 1997
- *Paulo Neves, a face e as relações*. Catálogo da exposição realizada no Museu Amadeo de Souza-Cardoso em Amarante, 1997.

- *Domingos Pinho, a circularidade e as permanências*. Catálogo da exposição realizada na Galeria Artesis. Porto: 1997.
- *Do Naturalismo ao Modernismo: os escultores Soares dos Reis, Teixeira Lopes, José Rodrigues e Carlos Barreira*. Catálogo da exposição realizada em Paredes de Coura em 1997.
- *Amadeo de Souza-Cardoso e o primeiro modernismo português*. Madrid: Fundação Juan March, 1998.
- *Arquitectura e urbanismo em Amarante: o arquitecto Januário Godinho* in Actas do Congresso Histórico de Amarante. Amarante: 1998 (em publicação).
- *António Bronze entre as memórias e as aparições*. Catálogo da exposição realizada em Vila Franca de Xira, em 1998.
- *Justino Alves e as composições/arabescos*. Lisboa: 1998
- *Luís Melo e a alquimia dos sons e das imagens*. Catálogo da exposição realizada no Museu Municipal Amadeo Souza-Cardoso, em 1998.
- *Rita Carreiro e a construção da pintura*. Catálogo da exposição realizada no Museu Municipal Amadeo Souza-Cardoso, em 1998.
- *António Quadros Ferreira, uma poética de exigência e rigor*. Catálogo da exposição realizada no Museu Municipal Amadeo Souza-Cardoso, em 2001.
- *Ana Pimentel, espaços ilimitados, percursos e construções*. Catálogo da exposição realizada no Museu Municipal Amadeo Souza-Cardoso, em 2000/2001.
- *Isabel Cabral/Rodrigo Cabral, linguagem e linguagens*. Catálogo da exposição realizada no Museu Municipal Amadeo Souza-Cardoso, em 2002.
- *Longe da Vista*. Catálogo da exposição realizada no Museu Municipal Amadeo Souza-Cardoso, em 2002.
- *Rui Aguiar, da experiência à essencialidade*. Catálogo da exposição realizada no Museu Municipal Amadeo Souza-Cardoso, em 2002.
- *Francis Smith: o intimismo ingenuista e a saudade*. Catálogo da Exposição realizada na Galeria de Vilar – Árvore, no Porto, em 2002.
- *As Circunstâncias e os lugares na escultura de Rui Anahory*. Catálogo da exposição realizada na Galeria Esteta, no Porto, em 2003.
- *Pedro Rocha, permanências e intemporalidade*. . Catálogo da exposição realizada na Galeria S. Mamede, em Lisboa, em 2003.
- *A evidência do desenho - o desenho na arte portuguesa (em parceria com Bernardo Pinto de Almeida)*. In “Portugal de Relance”, a realizar em Novembro de 2003 em S. Paulo. Porto: Cooperativa Árvore (no prelo).

- É autor de várias entradas sobre *Marques da Silva (Teatro S. João, Liceu Rodrigues de Freitas e Armazéns Nascimento)* inseridas no Catálogo da Exposição *Arquitectura do Século XX: Portugal*. Portugal/Frankfurt: 1997.

5.3. Participação em congressos, seminários, colóquios, simpósios e encontros.

- Colóquio APOM76, organizado pela Associação Portuguesa de Museologia, no Porto, de 1 a 5 de Agosto de 1976.
- Ciclo de Comunicações integradas na exposição “*O Porto e a Renascença Portuguesa*”, realizado no Porto na Fundação Engenheiro António de Almeida, em Julho de 1980, apresentando a comunicação *Teixeira de Pascoaes: aspectos iconográficos*.
- 1.º Encontro Ibérico das Escolas Superiores e Faculdades de Belas Artes, organizado pela ESBAP, no Porto, de 12 a 14 de Fevereiro de 1981.
- I Jornadas de Estudo Norte de Portugal/Aquitânia (Porto /1984)
- Colóquio Internacional sobre Vítor Hugo e Portugal (Porto /1985)
- I Congresso Internacional sobre o rio Douro (1986).
- I Encontros de História Dominicana, realizado em Santarém, de 29 de Setembro a 2 de Outubro de 1982.
- Colóquio Amadeo de Souza-Cardoso. Fundação C. Gulbenkian, Lisboa (1987).
- Colóquio Le XIX Siècle au Portugal/Histoire-Société/Culture-Art (Paris, 1987).
- I Encontro Nacional de História de Arte (Lisboa, 1988).
- Colaborou no 1º Seminário para Universitários de Ascendência Portuguesa em Países de Emigração, em 1982, apresentando a palestra *Amadeo de Souza Cardoso e a Modernidade* e conduzindo uma visita ao Museu de Amarante.
- Tem participado, como docente, nos Seminários de Verão realizados anualmente pela FLUP.
- Realizou ciclos de palestras no Instituto Espanhol de Cultura (Porto) sobre *Picasso e Salvador Dali* e no Museu Soares dos Reis (iniciativa da Reitoria da Universidade do Porto).
- Conferência no Círculo de Belas Artes de Madrid “*Del Cubismo al Dadaísmo-Amadeo de Souza Cardoso*”, 1987.

- Várias conferências nomeadamente no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian , no Museu Alberto Sampaio (*António de Azevedo e os Caminhos da Escultura Portuguesa*) no Museu Biscainhos (sobre *Amadeo de Souza-Cardoso*), no Museu Amadeo de Souza-Cardoso, na Cooperativa Árvore, na Universidade Portucalense (*Amadeo de Souza-Cardoso e o primeiro modernismo português*), integrada no curso de História da Universidade Portucalense realizado em 1990.
- *Columbano e Malhoa, duas faces da pintura portuguesa* integrado no Curso Itinerários da Arte Portuguesa, realizado na Universidade Portucalense em 1991.
- Tem participado em mesas-redondas promovidas pela Casa de Serralves e pela Cooperativa Árvore sobre Pintura e Arquitectura.
- Colaborou com os estágios pedagógicos das Escolas Secundárias: Oliveira Martins, Filipa de Vilhena e Vilar de Andorinho, proferindo palestras sobre temas de Arte Contemporânea.
- Simpósio Mariológico - *Santuário de Nossa Senhora da Penha*, Guimarães, 1993, organizado pela Universidade Católica Portuguesa I Braga, onde apresentou o tema *O Santuário da Penha e a sua Arquitectura*.
- Colóquio “*Lisboa Iluminista e o seu tempo*”, Outubro de 1994, organizado pela Universidade Autónoma de Lisboa, onde apresentou a comunicação *O Porto pós - almadino e os modelos franceses e flamengos* (no prelo).
- Colóquio “*Teatro e Arquitectura/Reabilitação de espaços: Procedimentos e imaginários*”, organizado pelo Teatro Nacional S. João, no Porto, em 1995 onde apresentou a comunicação *Marques da Silva. Arquitecto da Cidade*.
- Congresso de História Contemporânea-Investigação e Ensino, realizado no Porto e em Lisboa, em Outubro de 1995, e organizado pela Associação dos Professores de História, onde apresentou o tema *As Transformações da Arte*.
- Colóquio Internacional “*Almada Negreiros/A descoberta como necessidade*” organizado pela Faculdade de Letras do Porto, Fundação António de Almeida e Universidade Católica Portuguesa, Porto, 1996, tendo apresentado a comunicação *Amadeo e Almada, substantivos ímpares e a cúmplice modernidade*.

- Colóquio “*Arte e Ensino-Época Contemporânea*” realizado no Forum da Maia, em Fevereiro de 1997 e organizado pela Associação dos Professores de História, onde apresentou uma comunicação sobre *Movimentos artísticos na primeira metade do século XX*.
- *Marques da Silva/O ensino e a prática das Belas Artes no Porto nos séculos XIX-XX*, realizado na Reitoria da Universidade do Porto, em Abril de 1997, organizado pela Associação dos Professores de História e Instituto José Marques da Silva onde apresentou o tema *Marques da Silva e a Cidade*.
- Congresso Histórico de Amarante sobre *Arquitectura e Urbanismo em Amarante*, em 1997. Integrou a respectiva Comissão Científica, foi responsável pela secção Património, Arte e Arqueologia e apresentou comunicação com o tema *O Arquitecto Januário Godinho*.
- Participação em Mesa-Redonda sobre as *Artes Déco no Porto*, na Escola Superior Artística do Porto.

5.4. Palestras e conferências e mesas-redondas

54

- *O Arquitecto Marques da Silva, arquitecto da cidade e António Carneiro e a sociedade portuense*, realizadas no Museu Soares dos Reis em Junho de 1990 integradas no Curso *O Porto Arte e História* realizado pela Reitoria da Universidade do Porto.
- *O Arquitecto Ventura Terra em Esposende*. Iniciativa da Câmara Municipal de Esposende, 1993.
- *O Arquitecto Marques da Silva: arquitectura e desenho urbano em Barcelos*. Organização da Câmara Municipal de Barcelos, Junho de 1993.
- *Tendências da Arte Contemporânea*. Organização da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, Junho de 1994.
- *Os modelos Beaux-Arts e a renovação da Cidade*, organização do Clube Unesco da Cidade do Porto, em 1994.
- Participação na Mesa redonda sobre o Surrealismo nos *Encontros Sobre o Surrealismo (E Não)*, organização da Fundação Cupertino de Miranda em Famalicão, em 1995.
- *O Arquitecto Marques da Silva*. Palestra proferida na Associação dos Arquitectos Portugueses (Secção Norte)¹ integrada no Dia Mundial da Arquitectura, Outubro de 1997.
- *O Pintor Antoni Tàpies*. Apresentação na sessão de homenagem da Faculdade de Letras do Porto, em Outubro de 1997.

- *Seis Lições de História da Arte em Portugal*, conjunto de Conferências realizadas no Museu Nacional de Soares dos Reis, no Porto, em Novembro-Dezembro de 1997.
- *Arte em Portugal no tempo da primeira República*. Integrada no Ciclo de Conferências “Um Século de Arte Portuguesa -1900/1997” organizado pela Árvore - Cooperativa de Actividades Artísticas.
- *Amadeo y el primer modernismo portugués*. Conferência na Fundação Juan March, em Madrid, em Janeiro de 1998.
- Conjunto de temas de palestras/lições proferidas nos Cursos de Verão e Cursos de Especialização/Diploma Universitário de Formação de Professores de Português, Língua Estrangeira, realizados na Faculdade de Letras do Porto de 1992 a 1998:
 - . *A Arquitectura do Ferro no Porto*
 - . *Do Neomanuelino à Casa Portuguesa*
 - . *O Pintor António Carneiro e o Simbolismo Português*
 - . *Arquitectura e urbanismo no Porto nos séculos XIX -XX*
 - . *O Pintor Amadeo de Souza-Cardoso e as vanguardas artísticas europeias*
 - . *Panorâmica da Escultura Portuguesa nos séculos XIX -XX*
 - . *Sonia Delaunay e os do Orfeu*, Museu Soares dos Reis, Porto, 2001
- *Arquitectura, poder e ideologia* no III Curso Livre de Arte Ibero/Americana, DCTP, FLUP, 2002 .

6 - Outros elementos curriculares

- Produziu para a RTP um filme sobre Amadeo de Souza-Cardoso e participou no filme de Paulo Rocha sobre Amadeo de Souza-Cardoso.
- Colabora, actualmente, na organização do catálogo raisonné de Amadeo de Souza-Cardoso, em uma iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian.
- Dirige a revista “Entremuros”, sobre História Local de Amarante, cujo primeiro número teve o patrocínio da Reitoria da Universidade do Porto.
- Colaborou na docência de Cursos de Técnicos Auxiliares de Museografia, promovidos pelo IPPC.
- Por iniciativa do Conselho Directivo da Faculdade de Letras do Porto organizou nas suas instalações exposições do Escultor Zulmiro de Carvalho e dos Pintores Ângelo de Sousa e Carlos Carreiro, nos anos 80.

- Foi bolsheiro do INIC em 86-87 e 87-88, para o desenvolvimento do trabalho de tese de doutoramento sobre *O Arquitecto Marques da Silva e a Arquitectura no Norte do País na 1.^a metade do séc. XX*.
- Bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian para uma visita à Documenta 7 de Kassel e à Bienal de Veneza (1982).
- Organizou as exposições: *Marques da Silva/Arquitecto 1869/1947* (Casa do Infante, 1986); *Casa de Serralves, retrato de uma época* (Secretaria de Estado da Cultura/Casa de Serralves, 1988); e *Aquarelas de Marques da Silva*, Instituto Marques da Silva, Porto, 2001
- Participou, em 1987, na organização da exposição do Centenário de Amadeu de Souza-Cardoso, colaborando com a Fundação Calouste Gulbenkian e produzindo um dos textos que integra o respectivo catálogo.
- Integrou o Júri do Concurso de Ideias para o projecto de remodelação da Estação do Porto - S. Bento, organizado, em 1985, pelo Ministério do Equipamento Social/Gabinete da Ponte Ferroviária sobre o rio Douro.
- Foi Delegado da Junta Nacional da Educação em Amarante, tendo classificado o seu principal património arquitectónico.
- Fez parte da Comissão Instaladora do Instituto Arquitecto José Marques da Silva e integra nesta data a sua Direcção.
- Integrou a Comissão do Património da Câmara Municipal do Porto, em representação da Faculdade de Letras do Porto, de 1996 a 2001 Foi membro da APOM e da ARPPA.
- É Director do Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso/Amarante.
- É membro da Associação Internacional dos Críticos de Arte (Secção Portuguesa).
- Tem integrado júris de selecção de obras a concurso de vários artistas portugueses.
- Tem organizado exposições de artistas nacionais e estrangeiros no Museu Amadeo de Souza-Cardoso onde realiza visitas guiadas, palestras e mesas-redondas.

7 - Investigações em curso

Ultima trabalhos sobre História Local, nomeadamente sobre Arquitectura e Urbanismo em Amarante e transversalmente sobre Literatura e Mentalidades.

8 - Actividade Artística:

Exposições colectivas e individuais:

1955

- 1ª Exposição anual da Academia Alvarez / Porto

1956

- 2ª Exposição anual da Academia Alvarez / Porto

1957

- XII Exposição de Arte Contemporânea dos Artistas do Norte / Porto
- Exposição de Pintura Moderna / Amarante
- Exposição de Pintura Moderna / Póvoa de Varzim
- 1º Salão de Independentes no Minho / Braga
- 53ª Salão da Primavera / Sociedade Nacional de Belas Artes / Lisboa

1958

- 1º Salão de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas Artes / Lisboa
- I Exposição da Pintura a Óleo / Vila Real
- 3ª Exposição anual da Academia Alvarez / Porto

57

1959

- I Salão dos Novíssimos / Porto/Lisboa
- I Bienal Internacional de Paris

1960

- IV Exposição de Artes Plásticas / Almada
- I Exposição Nacional de Pintura
- II Salão dos Novíssimos / Porto/Lisboa
- 4ª Exposição de Arte Moderna / Amarante
- 2º Salão de Independentes no Minho / Braga
- Núcleo de Arte de Lourenço Marques, Moçambique

1961

- III Salão dos Novíssimos / Porto/Lisboa
- IV Salão de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas Artes / Lisboa

- 57º Salão da Primavera / Sociedade Nacional de Belas Artes / Lisboa
- II Exposição de Artes Plásticas / Fundação Calouste Gulbenkian / Lisboa

1962

- 58º Salão da Primavera / Sociedade Nacional de Belas Artes / Lisboa
- Exposição itinerante de Arte Moderna da Galeria Alvarez / Amarante
- Exposição itinerante de Arte Moderna da Galeria Alvarez / Museu Machado de Castro / Coimbra
- IV Salão dos Novíssimos / Porto/Lisboa
- Exposição de Artes Plásticas – Instituto Superior Técnico, Lisboa.

1963

- 59º Salão da Primavera / Sociedade Nacional de Belas Artes / Lisboa
- IV Salão dos Novíssimos / Porto/Lisboa

1964

- V Salão dos Novíssimos / Porto/Lisboa
- Exposição de Artes Plásticas / O Mar / B. P. / Lisboa
- Claro-escuro / / Sociedade Nacional de Belas Artes / Lisboa

58

1965

- Exposição de Arte Moderna / Amarante
- 1º Salão da Primavera / Guimarães (colab. Árvore, Porto)

1966

- 6ª Exposição de Arte Moderna / Amarante (colab. Árvore, Porto)
- XV Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes / Porto

1967

- 1ª Exposição Individual / Galeria Divulgação

1968

- III Salão Nacional de Arte / Porto-Lisboa
- VI Salão de Arte Moderna / Estoril
- 3º Salão de Artes Plásticas / Setúbal (Prémio de Pintura)
- I Salão do Algarve / Faro

1969

- VIII Exposição de Artes Plásticas / Queima das Fitas da Universidade do Porto
- Exposição do Cinquentenário da Morte do Pintor Amadeo de Sousa Cardoso / Amarante, Vila Real, Marco de Canavezes
- Exposição-homenagem a Amadeo de Sousa Cardoso / Porto / Escola Superior de Belas-Artes
- Arte do Nosso Tempo / Viseu

1975

- Exposição “Levantamento da Arte do séc. XX no Porto” / Porto-Lisboa (Fundação C. Gulbenkian)

1978

- Exposição de Arte Portuguesa Contemporânea / Nordeste 78 / Alijó, Régua, Vila Real, Chaves, Lamego, Bragança, Amarante
- I Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira

59

1979

- Exposição de Arte / Castelo Branco
- 2ª Exposição individual / Biblioteca-Museu de Albano Sardoeira / Amarante
- Pinturas/Esculturas/Desenhos/Serigrafias – Exposição Colectiva, Casa Museu Teixeira Lopes, Galerias Diogo de Macedo.

1980

- II Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira
- I Exposição Colectiva da Árvore

1982

- III Bienal de Vila Nova de Cerveira
- III Exposição Colectiva da Árvore/Pequeno Formato.

1983

- IV Exposição Colectiva da Árvore.
- 1ª. Exposição Colectiva dos Artistas de Gaia/Museu Teixeira Lopes.

1984

- Artistas de Gaia/Exposição/Verão.
- V Exposição Colectiva da Árvore.

1985

- Artistas de Gaia/Colectiva/Casa Museu Teixeira Lopes.

1994

- Exposição Colectiva na Galeria Alvarez (1954/1994).

2000

- Exposição Colectiva, Galeria Espaço Branco, Viana do Castelo.

2001

- [+ de] 20 Grupos e episódios do Porto do Séc. XX, na Galeria do Palácio.

60

- Participou ainda em exposições do Núcleo de Arte de Lourenço Marques (Moçambique) e do Instituto Superior Técnico.

- Publicou um Album de 20 Desenhos, em 1980, com prefácio de Diogo Alcoforado.

- Realizou os cartazes dos congressos: La Sociologie et les Nouveaux Défis de la Modernisation (Porto 1988), I Congresso Internacional do Barroco (Porto 1989) e O Porto na Época Contemporânea (Porto 1989).

Errata

Pág.	Onde se lê	Deve ler-se
19	Em corrente alterna:ensina e aprender	Em corrente alterna:ensinar e aprender
41	<i>Coordenado – Cadernos de convívio</i>	<i>Coordenada – Cadernos de convívio</i>